



A construção da imagem do professor nas telas de TV¹

Elisangela Rodrigues da COSTA²

Maria do Carmo de Souza Almeida³

Sandra Pereira Falcão⁴

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O presente artigo aborda a imagem que a televisão, na condição de meio de comunicação, constrói acerca do professor no cenário contemporâneo. Em nossa análise, observaremos trechos do quadro “Turma 1901”, exibido no programa Fantástico no final de 2010. Para um transitar dialógico e um direcionamento de temática, faremos um cotejo com o filme francês “*Entre os muros da escola*”. A partir da observação das estratégias discursivas fundamentadas entre a necessidade de se autenticar a realidade e os recursos que corroboram na produção do “efeito de real”, procuramos compreender como a imagem do profissional docente é representada.

Palavras-chave: professor, representação, discurso, televisibilidade, narrativa jornalística.

1. Introdução

“Por favor, salvem a professorinha”! Esse era um dos bordões característicos do personagem Caco Antibes (Miguel Falabella) no extinto programa humorístico “Sai de Baixo” da Rede Globo de Televisão. O bordão do personagem instiga a salvação, socorro ao profissional que exerce o magistério: o professor. O substantivo no diminutivo conota essa intenção.

A relação professor e aluno no ambiente formal de aprendizagem, ou seja, na escola, sobretudo na esfera pública, e os conflitos gerados pelas diferenças advindas de questionamentos acerca de sistemas educacionais, comportamentos juvenis e práticas pedagógicas permeiam as temáticas de programas de TV, narrativas cinematográficas e instâncias governamentais. Os conflitos abordados, geralmente, são as dificuldades e papel do

¹ Trabalho apresentado no DT 6 GP Comunicação e Educação no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Metodista de Piracicaba, especialista em Globalização e Cultura pela Fundação de Sociologia e Política de São Paulo, mestranda em Ciências da Comunicação da ECA/USP. Jornalista, pedagoga e coordenadora da formação docente em serviço da Secretaria Municipal de Educação de Barueri/SP. Endereço eletrônico: lisacosta@usp.br.

³ Mestre em Linguística Aplicada pela UNITAU e Doutoranda em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA/USP. Endereço Eletrônico: mcsalm@usp.br.

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da USP; professora do Centro Educacional Objetivo- SP. Endereço eletrônico: sanfalcão@usp.br.



professor na sociedade contemporânea, situações tensas que, com os aparatos midiáticos, compõem uma espécie de “imagem” deste profissional. Dessa forma, a temática da sala de aula e do profissional docente ganha cada vez mais espaço nos meios de comunicação, sobretudo na televisão, desde telejornais com reportagens em série especiais sobre educação, até programas jornalísticos, específicos, sobre o assunto. Sendo assim, este artigo aborda a composição que a narrativa televisiva constitui acerca do professor em programas de gêneros jornalísticos. O *corpus* é formado por trechos do quadro “Turma 1901” do programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão (veiculado entre os meses de novembro e dezembro de 2010), e pelo filme francês “Entre os muros da escola”, de Laurent Cantet. Em nossas reflexões, lançamos um olhar para o filme a fim de estabelecermos um diálogo entre ele e a produção televisiva. Apesar da linguagem cinematográfica se diferenciar da narrativa televisiva, atualmente, muitos recursos dessa linguagem são aplicados no contexto televisivo.

Nossa análise busca refletir, sobretudo, como a reportagem televisiva representa a imagem do professor; entretanto, também perpassa pela representação da imagem dos alunos e do universo educacional público brasileiro. Portanto, ressaltamos, para o nosso olhar, a importância do conceito de *representação* com base em Michel Foucault, que, em diálogos com outros conceitos, como: discurso, televisibilidade, narrativa jornalística, corroboram para a construção dessa imagem.

A fim de alcançarmos nosso objetivo, primeiro apresentaremos os conceitos teóricos norteadores; em seguida, uma síntese do filme francês “*Entre os muros da escola*”; na sequência, traçaremos um diálogo do filme com a reportagem televisiva. Por fim, faremos nossas considerações finais.

2. Alguns conceitos norteadores

A ordem discursiva, parafraseando o título de Michel Foucault, em sua obra *A ordem do discurso*⁵, é o conjunto de procedimentos de controle do sujeito, internos e externos ao discurso que corroboram para o estabelecimento de princípios que norteiam os acontecimentos por meio de classificação, ordenação e distribuição. De acordo com o pensamento foucaultiano, esses procedimentos se utilizam de aparatos discursivos, que, neste caso, são a narrativa cinematográfica e a jornalística televisiva.

Para Foucault, os discursos são práticas organizadoras da realidade, ou seja, os discursos determinam hierarquias, distinções e articulam o que “pode” ou “não pode” ser dito.

⁵FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 16ª. ed. São Paulo: Loyola, 2008.



O autor, na obra citada, introduz a noção de poder como instrumento de análise no tocante à explicitação dos saberes; seu estudo está centralizado nas relações entre as práticas discursivas e os poderes que as atravessam. Em suas palavras:

[...] “suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade”⁶.

Na observação do cenário contemporâneo, é possível afirmar que a televisão, na condição de meio de comunicação social, produz imagens, signos e significações que atuam diretamente nas práticas sociais “orientando” e até “ordenando” saberes sobre as novas formas de ver, ser e estar no contexto cultural. Em outra obra, *As palavras e as coisas*, Michel Foucault afirma que toda cultura dispõe de certos códigos, que, ao informar a sua leitura da realidade, fixam-se como uma espécie de ordem empírica. Sendo assim, na ótica foucaultiana, entendemos que os episódios dos programas televisivos, por meio de suas imagens, são uma “realidade”, quer dizer, uma “outra realidade”, apesar de todo o investimento no reflexo e esforço em retratar o que é entendido socialmente como “real”⁷.

Para Dominique Maingueneau, o discurso jornalístico “é de certa forma antecipadamente legitimado, uma vez que foi o próprio leitor que comprou o jornal, procura apresentar-se como quem responde a demandas, explícitas ou não, dos leitores”⁸. Ao relacionarmos essa fala com o discurso do (tele)jornalismo, poderíamos dizer que, no ato de escolher assistir à determinada programação, telejornal, o telespectador também já o está legitimando.

Entre as características do gênero, destacamos: a constante repetição de imagens, análises de especialistas na legitimação de depoimentos, a linguagem fluida, rápida e de fácil entendimento, a espetacularização do fato, a reprodução de práticas constituídas e a intensa produção de sentidos. Sendo assim, não é possível desconsiderar os recursos técnicos como o uso de câmeras especiais, efeitos cinematográficos, captação de imagens sob diversos ângulos, como colaboradores na construção das reportagens do programa e do cenário dos personagens.

⁶ Idem. *Ibidem*. p.8-9.

⁷ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.209.

⁸ MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de Comunicação*. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p.40



A argentina Beatriz Sarlo⁹ utiliza a noção de televisibilidade para definir algumas especificidades da TV. Em *Cenas da vida pós-moderna - intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*, Sarlo não define um conceito propriamente para televisibilidade, mas propicia a interpretação de que seja uma espécie de condição, um estilo padronizado com linguagem própria, o *zapping*, os símbolos, a própria narrativa televisiva e por isso atribui à televisão o status de o “local da verdade”.

A pesquisadora e jornalista Rosa Maria Bueno Fischer também recorre à expressão de televisibilidade, com base em Sarlo, e fundamenta o que chamou de “dispositivo pedagógico da mídia”, sob a óptica de Foucault, para quem a televisão é:

um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político) a partir da qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”¹⁰.

Fischer observa as estratégias da televisão em firmar-se como um local especial de “educar”, da “verdade” que ela estabelece ao realizar a investigação dos fatos (violências, crimes) e como esse meio destaca o concretamente, o “ensinar como fazer” sobre determinadas tarefas cotidianas e relacionadas às práticas.

Em sua estreia, o quadro *Turma 1901* seguiu o padrão da narrativa (tele) jornalística, um questionamento que gera uma investigação concreta dos fatos, e, seguindo o pensamento de Foucault, elabora uma “outra realidade” fora da sala de aula. No entanto, o filme “Entre os muros da escola” também transita neste limiar.

3. Síntese de “Entre os muros da escola”

O encaminhar de nossa proposta inclui um direcionamento de olhar sob o viés da problemática gerada pela sala do 1º ano do Ensino Médio do colégio público “Françoise Dolto”, na periferia de Paris, no chamado Distrito XX. É neste colégio que estudam Burak, Boubacar, Souleymane, Koumba, Rabah, Chérif, Wei, Esmeralda, entre outros adolescentes, imigrantes marroquinos, chineses, malineses, árabes, antilhanos, em plena França contemporânea, no longa metragem *Entre les murs (Entre os muros da escola)* do diretor

⁹ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna- intelectuais, arte-vídeo cultura na Argentina*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

¹⁰ FISCHER, Rosa Maria B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo: v.28, n.1, p.151-162, jan./jun.2002. p.155.



Laurent Cantet. O filme “*Entre os muros da escola*”, vencedor da Palma de Ouro de Cannes, em 2008, e indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro, em 2009, retrata uma periferia francesa, num modelo de ensino formal que esbarra em dificuldades de interação entre os imigrantes frequentadores da escola, conflitos familiares, preconceitos e a luta do sistema educacional francês em manter uma “disciplina” organizacional, que parece não impor mais limites aos estudantes adolescentes.

O filme, em si, pode ser denominado de docudrama- não é documentário e não é ficção -, ou seja, tanto professor, quanto alunos, e os demais envolvidos na narrativa, interpretam a si mesmos. O longa de Cantet é baseado no livro do escritor e professor François Bégaudeau. No enredo ele é o professor de Língua Francesa, François Marin, que assume o desafio de lidar com uma sala de aula tão heterogênea e com diversidades culturais, étnicas, econômicas, que por si só geram inúmeros conflitos. O professor e a direção da instituição insistem em um modelo escolar com base em disciplinas e normas, no qual a linguagem assume o campo de batalha do conflito cultural encenado.

A narrativa demonstra o quanto as relações de poder esbarram em confrontos diretos entre professor e alunos. Confrontos esses iniciados sobretudo pela linguagem, pelos discursos, nos quais o professor François Martin demonstra a hierarquia, “os ordenamentos” através do uso social da língua. As tensões vivenciadas pelos alunos imigrantes, o modelo institucional e uma espécie de “processo civilizador” decorrem em todo o longa.

A imagem constituída do professor no filme é a de um profissional que luta para garantir sua autoridade, ao mesmo tempo em que se vê “obrigado” a mostrar a realidade de uma maneira mais otimista aos jovens desesperançosos, pobres e imigrantes.

4.Representação e imagem do “bom professor”na*Turma 1901*

A reportagem televisiva analisada é o quadro do programa Fantástico “*Turma 1901*”¹¹ do jornalista Zeca Camargo, da Rede Globo de Televisão, exibido no final de 2010. A escolha do quadro foi proposital, pois o apresentador afirmou ter como referência o filme de Laurent Cantet. Em reportagem para o jornal Folha de S. Paulo¹², Zeca Camargo revelou que “a ideia não foi maquiagem as mazelas da educação brasileira, mas também não apresenta um cenário de

¹¹As informações sobre o quadro *Turma 1901* estão disponíveis em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/OMUL1634332-15605,00.html>>. Acesso em: 17 jan.2011.

¹² BORTOLOTTI, Marcelo. *Novo quadro do “Fantástico” acompanha turma de escola pública*. Rio de Janeiro: Jornal Folha de S. Paulo. Ilustrada.20/11/2010.

final dos tempos”. No artigo, optamos por recortar trechos, com grande enfoque à edição especial, nos quais a professora da Turma 1901 é retratada.

Em síntese, o quadro “Turma 1901” foi composto de cinco episódios de 15 minutos cada, veiculado nos meses de novembro e dezembro de 2010, no programa Fantástico da Rede Globo de Televisão. Na narrativa, foi apresentado o cotidiano de 29 alunos, nos quais quatro eram os protagonistas: Patrick Santos, Rodrigo Muniz, Camila Catalão e Dandara Xavier, todos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, filmados nas aulas de Língua Portuguesa, ministradas pela professora Mirza Christine Leal da Silva. O cenário das filmagens foi a escola municipal “General Euclides de Figueiredo”, na Tijuca, no Rio de Janeiro. A escola pública¹³ foi escolhida após um ano de seletiva pelos produtores do quadro do Fantástico; localiza-se numa área cercada por favelas, mas não na chamada “zona de tiros dos traficantes” no Rio. Nos cinco episódios, observa-se um cenário típico da maioria das escolas públicas brasileiras compostas do tradicional quadro negro, as carteiras agrupadas e em fileiras, o uso de livros e apostilas didáticas e de um sistema metodológico centralizado na palavra do professor. A professora de Língua Portuguesa Mirza Christine Leal da Silva é caracterizada como uma professora contemporânea, sempre maquiada e muito afetiva na relação com seus alunos adolescentes; gestos de carinho são frequentes com eles. É nítido que ela leciona há anos na unidade escolar e, talvez, pela intimidade demonstrada, até já tenha sido, anteriormente, professora de alguns deles. Esquematizamos, com vistas a facilitar a leitura comparativa, um quadro entre o longa metragem francês e a narrativa televisiva brasileira da Turma 1901:

NARRATIVA	ESCOLA	BAIRRO	QTDE DE ALUNOS	PROFESSOR (a)	DISCIPLINA	SISTEMA EDUCACIONAL	IMAGEM PROFESSOR (a)
Cinema <i>“Entre os muros da escola” de Laurent Cantet.</i>	Pública Municipal	Subúrbio de Paris.	30 alunos agrupados em sala.	François Marin	Língua Francesa	Reprobatório.	Perfil de docente. Preocupado com a adaptação dos alunos ao sistema vigente.

¹³ BORTOLOTTI, Marcelo. *Novo quadro do “Fantástico” acompanha turma de escola pública*. Rio de Janeiro: Jornal Folha de S. Paulo, Ilustrada. 20/11/2010.



Televisão Fantástico TV Globo <i>Turma 1901</i>	Pública Municipal	Tijuca, subúrbio do Rio de Janeiro	29 alunos agrupados em sala.	Mirza Leal	Língua Portuguesa	Reprobatório.	Perfil de docente. Preocupada e afetiva com cada aluno.
---	----------------------	--	------------------------------------	------------	----------------------	---------------	---

Pela composição do quadro acima, podemos perceber que o cenário e alguns conflitos são aproximados entre o filme francês e o programa televisivo. Acreditamos que evidenciaremos esse aspecto ao analisarmos trechos do quadro e, principalmente, a representação da imagem da professora da “Turma 1901”.

Passaremos agora para os aspectos que consideramos fundamentais para nossas reflexões. Atentemos para a abertura do quadro, em sua estreia:

O que acontece dentro de uma sala de aula de uma escola pública brasileira? Para responder a essa pergunta, o Fantástico embarcou num grande projeto; desde o início de 2010 nós estamos acompanhando uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental cheia de sonhos, esperanças e problemas também. São as histórias da Turma 1901 que muitas vezes começam fora da sala de aula.

O entendimento de qual é o contexto social na representação do papel docente no quadro “Turma 1901” aponta à necessidade de se autenticar o real como um dos muitos recursos das produções jornalísticas televisivas, sobretudo na abordagem sobre a docência no Brasil. Seria a necessidade de mostrar o real ou os supostos “efeitos do real”? Acreditamos que o quadro do Fantástico se utiliza dos “efeitos de realidade”, a começar pela necessidade de mostrar o contexto social onde a escola e os alunos estão inseridos: indo desde os familiares até os sonhos dos jovens adolescentes. Assim, a primeira cena do primeiro episódio do quadro mostra o baile de debutantes:

CENA 1: EPISÓDIO 1

Após a abertura, o quadro mostra uma garota de 15 anos vestida para debutar integrante da Turma 1901 e depoimentos de parentes explicando as dificuldades para preparar a festa ao lado de recortes sobre a vida difícil de seus pais. O narrador/apresentador revela que esse é o maior evento da vida da jovem.

Notamos essa transformação do sonho em realidade, afinal, o telespectador, ao esperar uma sala de aula, é apresentado ao mundo privado, o extramuro da escola. Em nossa análise,

apropriamo-nos da concepção de “efeito de real”, definida por Roland Barthes¹⁴, que atribuía esse efeito a elementos obtidos no romance realista os quais, sem aparente função narrativa, conferiam verossimilhança e credibilidade ao ambiente e características dos personagens, instituindo uma espécie de transparência entre o leitor e o texto – hoje, no contexto televisivo, entre o (tel) espectador e as imagens.

Pontuamos trechos da abertura do programa, apenas para vislumbrar a dinâmica da produção televisiva que, de acordo com sua linha editorial, tinha como principal objetivo demonstrar que é possível jovens estudantes conquistarem seus sonhos profissionais, ainda que originários de regiões com muitos problemas, de condições socioeconômicas baixas e frequentadores de escola pública.

Após os cinco episódios, houve uma edição exclusiva¹⁵ com foco na professora Mirza Leal, com o objetivo de mostrar o seu dia a dia. Portanto, a partir deste momento, manteremos o foco em nossa proposta inicial, a representação que a narrativa televisiva constitui acerca do professor.

A edição especial com a professora da “Turma 1901” inicia-se com imagens dos cinco episódios da série, nos quais são recortados trechos de gestos e atitudes de Mirza Leal em aula. O apresentador, repórter Zeca Camargo, ao anunciar a edição, recorre à imagem do “mestre” e “amigo” em sala. Observemos o relato de sua apresentação, da edição especial com a professora:

Professor quando é bom, agente lembra com saudade para o resto da vida, você concorda? Assim é a Mirza, a mestra da história da Turma 1901 que você conheceu aqui no Fantástico, é daquelas que a gente gosta de ter como amiga.

O discurso construído é da professora amiga e “mestra”. A imagem do “bom professor” volta à cena; neste momento, o apresentador mostra cenas da professora em sala e “enumera” uma sequência com três atitudes que legitimam ao público esse ordenamento. Visando melhor entendimento, enumeramos, sequencialmente, as falas e as imagens que sucediam a cada uma. Vejamos:

¹⁴ BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.p.181.

¹⁵As informações sobre os assuntos do bate-papo da professora Mirza estão disponíveis em:<<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1638070-15605,00.html>>. Acesso em:17 jan.2011.



NARRATIVA	IMAGENS
1. Quando tem que dar bronca, ela dá.	1. Imagens da professora comentando com os alunos sobre as fofocas de namoros em sala.
2. Se algum aluno precisa de conselhos, lá está ela.	2. “Deixa de ser rebelde Camila”, cenas de Mirza conversando em particular com uma das alunas protagonistas.
3. Até quando o assunto acontece fora dos muros da escola e os assuntos são os garotos, você pode contar com Mirza!	3. A professora opinando sobre um rapaz em que uma aluna está interessada, “ele é lindo”.

Para Foucault¹⁶, a representação é formada tanto do que é mostrado quanto do que não é, e por isso os sujeitos assumem posições determinadas pelo discurso, o que, por sua vez, delimita também os significados, inclusive para o próprio sujeito. Com vistas a garantir a legitimidade do discurso representado, o programa reforça a imagem da professora “ideal” pelo fato de ter acompanhado a rotina profissional de Mirza durante todo o ano letivo. Observe um trecho do comentário de Zeca Camargo, anterior a visita à residência da professora ratificando o processo constitutivo. Vejamos:

Durante todo o ano de 2010, o Fantástico acompanhou o dia a dia das aulas de Português dessa carioca de 47 anos, professora da Turma 1901, da escola municipal “General Euclides de Figueiredo”.

A questão da intimidade, do adentrar junto à família da professora numa relação mais aproximada com o telespectador é um recurso muito forte neste quadro. Na função de repórter, Zeca Camargo entra na casa da professora Mirza Leal e grava as cenas em sua residência. Observemos:

Mas, e fora da escola, quem é Mirza Leal da Silva? Ela mora com a mãe e a tia, mas a família mais próxima é cheia de mulheres.

¹⁶FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

A ênfase ao gênero feminino como predominante na profissão, aliado a inserção no mundo particular da professora, também é outra característica do discurso da narrativa da “Turma 1901”. Zeca aproveita o momento de aproximação e aborda a escolha profissional da professora; a resposta de Mirza reforça a construção da imagem do “bom professor”: o sonho de ser professora. Observemos a afirmativa de Zeca e a resposta de Mirza:

Mirza nunca teve dúvidas: sempre soube que seria professora.

Quando eu era pequena, eu pegava giz da escola. Eu fazia meu trabalho de casa no quadro. O quadro era a porta do armário. Eu escrevia tudo na porta do armário. Eu estudava escrevendo a matéria, fazendo resumo na porta do armário para as bonecas na cama.

A afetividade é uma característica peculiar da professora Mirza Leal que é reforçada nos episódios e, principalmente, nessa última edição sobre sua vida, justificando a afirmação do jornalista Zeca Camargo para o jornal Folha de S. Paulo “o quadro acabou tendo um toque do filme *Ao mestre com carinho*”¹⁷.

A edição especial sobre o cotidiano da professora Mirza Leal por si só corrobora na seleção, controle, organização e redistribuição da imagem do “bom professor”.

A narrativa do programa, além de apresentar a professora afetiva, mostra o outro lado desta imagem de Mirza, o da “mestra” exigente.

Mirza é carinhosa com os alunos e amigos, mas acredita em cobrança e empenho. É totalmente contra dar moleza em sala de aula.

“Para que eu vou passar a mão na cabeça? Para passar de ano e fazer parte de uma estatística e chegar lá na frente no Ensino Médio e ser reprovado de cara?”, justifica a professora.

O enfoque acerca da forma comportamental da professora Mirza em relação aos alunos é questionado por Zeca Camargo: “Mas a professora deve se envolver com outros aspectos da vida do aluno ou só com o que acontece na sala de aula?”. A resposta da docente:

“Esse eu acho que é o meu diferencial como professora. Até mesmo na escola, quando eu entrei, eu recebia muita crítica, porque eu me envolvia demais com os alunos. Eu tenho aquela coisa de abraçar, de chegar perto, dar beijinho, de conversar fora da sala de aula, de perguntar sobre a família. Isso é a minha marca. Isso é meu, isso é a minha personalidade”, explica Mirza.

¹⁷ O filme “Ao mestre, com carinho” (*To sir, with Love*. 1967. Direção: James Clavell) clássico do cinema retrata um jovem professor que enfrenta alunos adolescentes e indisciplinados na década de 60. O ator Sidney Poitier é Mark Thackeray um engenheiro desempregado que resolve dar aulas em Londres, no bairro operário de East End.

O discurso da professora não é fixado na identidade profissional docente, ou seja, em sua metodologia, didática de trabalho em sala de aula. Nas palavras de Mirza, o grande diferencial, em sua prática pedagógica, é sua personalidade, que lhe permite uma aproximação com os alunos.

A construção da narrativa da “Turma 1901” sobre o fazer docente se dá por meio de imagens de sua privacidade, de depoimentos de parentes, de ações em sala de aula, de gestos de carinho para com os alunos, de cenas em que aparece corrigindo comportamentos da turma e de comentários opinativos do apresentador os quais direcionam e preparam o telespectador para as imagens e as cenas. Sem contar, de um lado, a construção representativa de alguém que sempre teve como sonho ser professora, e que ama o que faz. E de outro, de alguém que, por ter feito a escolha pela profissão, encara os desafios de percurso como naturais.

Aliás, essa é a lacuna para a qual o quadro não traz respostas: quais serão os terríveis desafios que Mirza enfrenta em sua sala sem as câmeras de TV? Quais as reações comportamentais naturais que Mirza teria sem a presença da equipe de filmagem? Observamos que a representação do papel do professor se molda às características das narrativas e, em nossas análises, reforçam a “convergência” entre as linguagens cinematográficas e televisivas.

5. A convergência das linguagens: o papel do professor nas narrativas

Bucci¹⁸, ao abordar a questão da transgressão do jornalismo televisivo ao assumir determinadas práticas de produções ficcionais, em uma perspectiva narrativa que assimila uma forma de espetacularização da informação, destaca que a mídia “já cristaliza, em sua simples natureza, padrões que não são apenas tecnológicos, ideológicos, linguísticos, imaginários, mas também éticos”. A estrutura da notícia e narrativas jornalísticas incorporam, cada vez mais, a visualização simulada, recursos da dramaturgia, numa espécie de hibridismo entre realidade e virtualidade.

O quadro “Turma 1901” utiliza vários elementos da computação gráfica permitindo simulacros para explicações de determinados contextos dos episódios, além de outros recursos como os quadros sem roteiro, que acompanham os personagens, com um mínimo de interferência, a filmagem de cenas cotidianas na escola e a entrada na residência dos protagonistas aparatos que culminam em maior intimidade junto ao telespectador.

¹⁸ BUCCI, Eugenio. Na TV, os cânones do jornalismo são anacrônicos. In: BUCCI, Eugenio; KEHL, Maria Ria. *Videologias: ensaios sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004. p.133.

A edição especial com a professora Mirza Leal é construída no ambiente privado e íntimo; o apresentador Zeca Camargo apresenta-a como uma amiga. Ele declara ao jornal Folha de S. Paulo: “o que faz a diferença é a professora da turma, Mirza Christine Leal da Silva, que parece ter traçado como meta dar um rumo na vida destes jovens”.

Anterior à construção do quadro, percebe-se que a escolha da professora é intencional na medida em que ela conduz a distribuição das falas dos alunos personagens durante os episódios, procedimentos organizativos do discurso.

“Uma estratégia de comunicação”, é assim que o diretor Laurent Cantet¹⁹ de “Entre os muros da escola” define a pedagogia. Em seu ponto de vista, a escola é um conjunto fechado em si mesmo, onde as crianças não querem falar a ninguém sobre esse universo que é delas. Mundo esse ‘fechado’ também para os professores, porque também são questionados por muita gente e há a tendência a se proteger, numa espécie de segredo de Estado”.

Outro ponto a ser considerado é a descrição que o ator protagonista, François Bérgaudeau²⁰, faz acerca da narrativa: “o filme mostra que a escola é uma sucessão de momentos que podem ser ótimos, mas sabemos que o resultado não será muito feliz porque haverá uma seleção, exclusão; uns passam, outros não”. A exclusão aqui constitui-se como ponto de conflito em sala de aula, sendo assim, a linguagem cinematográfica centraliza-se no binômio sala de aula e professor; ao contrário da televisiva, que perpassa o espaço escolar, entra na residência dos sujeitos protagonistas e vai para além dos muros da escola.

Na “Turma 1901”, a professora Mirza é a própria cúmplice de seus alunos, reforçando a diferença apontada pelo apresentador Zeca Camargo da docente ser o diferencial da história: “eu acho que faz diferença ser assim, porque eles gostam disso. Eles gostam de atenção. Eles querem carinho, que muitas vezes eles não têm em casa. Então, aquela coisa do professor mais distante, para eles, é só uma aula”, disse Mirza.

Esse comportamento da professora reforça que os modos como o professor se relaciona e se comunica com os alunos e metodologia de trabalho não estão separados de sua personalidade. Philippe Perrenoud²¹, ao analisar a comunicação de um professor, afirma que não se pode separá-la de seu capital cultural, ética e motivação. E quanto à avaliação, acredita ser comum os professores avaliarem mais a pessoa dos alunos do que sua aprendizagem. Para o autor, cada professor cria sua hierarquia de excelência entre ele e os alunos.

¹⁹Entrevista de Laurent Cantet no DVD do filme.

²⁰Entrevista de François Bérgaudeau no DVD do filme.

²¹PERRENOUD, Philippe. *Avaliação. Da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

6. Considerações Finais

Os procedimentos adotados pelo diretor Laurent Cantet em “Entre os muros da escola” na construção do personagem do professor constroem um profissional angustiado com desafios constantes. Neste momento, retomamos a noção de “ordem discursiva” de Michel Foucault, para quem o procedimento de exclusão, “o mais familiar”, o de interdição, apresenta-se de três tipos, formando “um jogo” entre o tabu do objeto, que é a palavra proibida, o ritual da circunstância, isto é, a adequação ao sistema, e o direito de quem fala, ou seja, a palavra de autoridade. Essa “arena de discurso” legitima o papel do professor no filme, como eixo central na distribuição de toda a representação.

No filme, o protagonista François é o personagem que faz uma espécie de “filtro” das ações, tanto dos alunos como dos professores; ele abusa dos jogos de interdição. Na narrativa, a todo o momento sua busca é pela cumplicidade dos alunos: “o professor se vê preso. Se ele excluir o aluno fica ruim, ninguém quer isso, se não excluir pode ser considerado como fraco”, destaca o ator François Bégaudeau²².

Na linguagem cinematográfica, Cantet consegue mostrar que existe um caminho que sacraliza a escola e o seu discurso, uma espécie de proteção da instituição de “perturbações extramuros”. E na contramão, está a atuação do professor François que, com toda a sua força resolve seguir em frente e considerar essas desigualdades sociais, colocando-se como parte dela. O fato é que apesar de toda a luta de François para considerar essas discrepâncias, acaba por reproduzir e perpetuar as normatizações do sistema, forçando os alunos a se adaptarem.

A fala de autoridade do professor francês no enredo aproxima-se do conceito de “discurso competente” desenvolvido pela filósofa Marilena Chauí²³, para quem esse discurso confunde-se, pois, com a linguagem institucionalmente permitida ou autorizada, isto é, com um discurso no qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar ou ouvir²⁴. É um discurso que tem “autoridade” a tal ponto de fazer com que as supostas verdades da instituição, no caso do sistema de ensino, sejam expressão da verdade de todos.

A professora Mirna da “Turma 1901”, embora não tenha como fugir ao sistema de ensino tradicional, fala uma linguagem mais próxima dos alunos sem ser autoritária. Ela tem um bom relacionamento com eles. E eles também demonstram ter um bom relacionamento

²²Entrevista: DVD do filme.

²³ CHAUI, Marilena. O discurso competente. In: *Cultura e democracia. O discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1981.

²⁴ Idem. Ibidem.p.7



entre si. Ela se veste de modo informal, o que a aproxima ainda mais dos adolescentes, respeitando-os.

O ponto central da construção da imagem de professor no filme “Entre os muros da escola” e na “Turma 1901” é que, no primeiro, o professor é o transmissor do conhecimento; o personagem perpetua o sistema e, por vezes, mostra um mundo real, que não possibilita sonhos e desejos a luta é pela sobrevivência e respeito às diversas etnias. Ao contrário da narrativa televisiva, que, apesar de também ser construída sobre os diálogos da professora, enfatiza, por sua vez, o tempo todo, os “efeitos de real” na vida dos alunos. Mirza direciona as cenas para a autoestima dos alunos: “eu, pelo menos, tento mostrar para eles que é possível, que eles têm todo um caminho pela frente e que não podem desistir. Eles não podem abaixar a cabeça se alguém disser para eles que eles não são capazes. Então, eu digo: 'Você é capaz, sim. Você é capaz do que você quiser fazer’”, destaca.

Enfim, o filme mostra um desafio não apenas ao sistema de ensino, como à própria cultura francesa, e isto é representado na construção da imagem de um professor que é enraizado não apenas no sistema como na cultura de origem. O desafio é perpetuar um discurso autoritário em que nem ele mesmo sabe se acredita, fracassado em sua visão, mas que é difícil ignorar. Na “Turma 1901”, a professora é uma profissional que faz o que gosta, o que sempre sonhou e tem uma personalidade marcada pela afetividade, num quadro composto por fantasias juvenis e a representação de um mundo ideal de escola que, infelizmente, ainda não reflete a realidade da maioria das escolas públicas brasileiras.

7. Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BORTOLOTTI, Marcelo. *Novo quadro do “Fantástico” acompanha turma de escola pública*. Rio de Janeiro: Jornal Folha de S. Paulo, Ilustrada. 20/11/2010.

BUCCI, Eugenio. Na TV, os cânones do jornalismo são anacrônicos. In: BUCCI, Eugenio; KEHL, Maria Ria. *Videologias: ensaios sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.

CHAUÍ, Marilena. O discurso competente. In: *Cultura e democracia. O discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1981.

AO MESTRE, COM CARINHO.

Disponível em: <[http://interfilmes.com/filme_19840_Ao.Mestre.Com.Carinho-To.Sir.with.Love\).html#Elenco](http://interfilmes.com/filme_19840_Ao.Mestre.Com.Carinho-To.Sir.with.Love).html#Elenco)> Acesso em: 10 jul. 2011.

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA. Laurent Cantet. São Paulo: Imovision, 2009. (128 min): DVD, colorido, legendado.



FISCHER, Rosa Maria B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo: v.28, n.1, jan./jun.2002. p.151-162.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 16.ed. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de Comunicação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação. Da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna- intelectuais, arte-vídeo cultura na Argentina*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

TURMA 1901. A professora Mirza Christine Leal da Silva. Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0MUL1638070-15605,00.html>>. Acesso em: 17 jan.2011.